OFF-CAMPUS #5

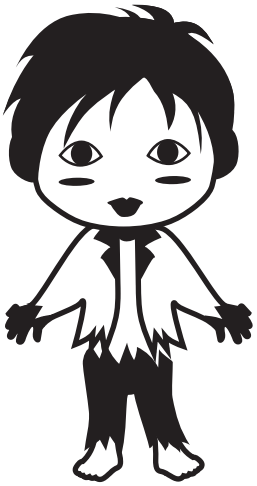
O LEGADO

ANOS DEPOIS

ELLE KENNEDY

PARTE I

O Pacto



1

Logan

— Podes apostar que ela está a tirar-me as medidas.

— Claaaaaaro que sim, meu.

— Ela não para de olhar para aqui! Ela quer-me.

— É impossível uma miúda jeitosa como ela estar a tirar as medidas a um cota como tu.

— Só tenho 28 anos!

— A sério? És mais velho do que eu pensava.

Contenho uma gargalhada. Passei os últimos vinte minutos a escutar a conversa de três corretores da Bolsa. Quer dizer, não sei se são mesmo corretores, mas estão a usar fatos feitos à medida e a bebericar bebidas caras na zona financeira da cidade, por isso o mais provável é trabalharem no setor financeiro.

Já eu sou o desportista corpulento na ponta do bar a usar calças de ganga rasgadas e uma camisola da *Under Armour*, com uma garrafa de cerveja na mão. Tive sorte em encontrar um lugar vago. Esta noite o bar está à pinha. Chegou a época das férias e os bares de Boston estão cheios de clientes na pausa da escola ou do trabalho.

Os três tipos que estou a espiar não olharam duas vezes para mim quando me sentei no banco ao lado deles, e assim torna-se mais fácil ouvir a sua conversa estapafúrdia.

— Então qual é a pontuação final do Baker? — pergunta um dos homens.

Ele e o amigo loiro estudam afetadamente o amigo de cabelo escuro, mais velho.

— Oito por cento — responde o primeiro rapaz.

O loiro é mais generoso.

— Dez por cento.

— Vamos encontrar-nos a meio e dar-lhe um nove. As probabilidades são de nove para um.

Afinal de contas, talvez *não* trabalhem no setor financeiro. Tenho estado a tentar perceber o processo de cálculo deles, mas parece completamente arbitrário e pouco baseado em matemática a sério.

— Vão-se lixar os dois. Tenho mais hipóteses do que isso — protesta o Baker. — Já *viram* este relógio? — Levanta o pulso esquerdo para exibir um *Rolex* brilhante.

— Nove para um — volta a confirmar o que apostou primeiro. — É pegar ou largar.

O Sr. Rolex resmunga irritado e pousa algum dinheiro em cima do balcão. Os outros dois fazem o mesmo.

Por aquilo que vejo, o jogo deles assemelha-se a algo do género:

Primeiro: um deles escolhe uma mulher do bar.

Segundo: os outros dois calculam (uso levianamente esta palavra) as probabilidades de o primeiro tipo conseguir obter o número dela.

Terceiro: deixam uma batelada de dinheiro em cima do balcão.

Quarto: o tipo mete conversa com a rapariga e acaba por levar uma tampa. Perde o dinheiro que apostou e depois recupera-o na ronda seguinte, quando o tipo seguinte levar outra tampa.

O jogo é parvo e sem sentido.

Bebo a cerveja e divirto-me a ver o Sr. Rolex a aproximar-se de uma mulher lindíssima num vestido de marca justo.

Ela franze o nariz ante a investida, o que me leva a prever que os amigos dele vão ganhar algum dinheiro. Estes cavalheiros podem usar fatos caros, mas ainda não estão, nem de perto nem de longe, na mesma liga que as mulheres aqui presentes. E as mulheres com classe normalmente não mostram qualquer tolerância para com imbecis imaturos, porque sabem que conseguem arranjar melhor.

O Sr. Rolex regressa para junto do grupo de maxilar contraído. E de mãos a abanar. Os amigos assobiam e recolhem o prémio.

Quando o loiro está prestes a escolher um novo alvo, eu pouso o copo no balcão e pergunto:

— Posso jogar?

As três cabeças viram-se na minha direção. O Sr. Rolex avalia a forma como estou vestido e depois sorri.

— Desculpa, amigo. Não tens dinheiro para este jogo.

Reviro os olhos e retiro a carteira do bolso. Mostro-lhes todo o dinheiro que tenho e peço, de forma cortês:

— Ponham-me à prova.

— Tens estado aí a ouvir a nossa conversa? — pergunta o loiro.

— Vocês não estavam propriamente a sussurrar. De qualquer forma, eu gosto de fazer apostas. Pouco me importa sobre quê... eu aposto. Dito isto, quais são as minhas hipóteses com... — O meu olhar varre lentamente a sala à pinha. — Ela — concluo.

Em vez de seguir o meu olhar, os três pares de olhos mantêm-se colados a mim.

Avaliam-me durante vários minutos, como se tentassem decidir se estou a gozar com eles. Por isso, levanto-me do banco e aproximo-me mais dos três.

— Olhem para ela. É linda. Acham que um desgraçado como eu conseguiria o número dela?

O Sr. Rolex é o primeiro a baixar a guarda.

— *Ela*? — pergunta, apontando de forma pouco discreta com a cabeça na direção da rapariga bonita que está a pedir uma bebida ao empregado de bar. — A Menina Inocente?

Ele tem a sua razão. Ela tem decididamente um ar inocente. Um perfil delicado revela um conjunto de sardas no nariz e usa o cabelo castanho-claro solto em volta dos ombros em vez de apanhado num estilo complicado como algumas das outras raparigas que estão no bar. Apesar de estar a usar uma camisola preta justa e uma saia curta, parece mais uma rapariga banal do que uma bomba sexy.

O amigo do cabelo escuro solta uma risada.

— Sim, boa sorte com isso.

Ergo as sobrancelhas.

— Que foi? Achas que não tenho hipótese?

— Meu, olha para ti. És um desportista, certo?

— Ou isso ou anda metido nos esteroides — responde o loiro em tom jocoso.

— Sou atleta — confirmo, mas não adianto mais pormenores. Claramente estes rapazes não são fãs de hóquei, caso contrário ter-me-iam reconhecido como um atleta júnior de Boston.

Ou talvez não reconhecessem. Não tenho jogado muito desde que os profissionais me foram buscar à equipa B. Ainda estou a tentar provar o meu valor ao treinador e aos meus colegas de equipa. Se bem que fiz uma assistência no último jogo, o que foi bom.

Mas um golo teria sido melhor.

— Sim, uma doçura daquelas ficaria demasiado intimidada — informa-me o Sr. Rolex. — As hipóteses de conseguires o número dela são de... vinte para um.

Os amigos dele concordam.

— Isso são vinte e cinco por cento de hipóteses — diz um deles. Porque, uma vez mais, a matemática deles não tem pés nem cabeça.

— E se eu quiser mais do que o número dela? — respondo em tom de desafio.

O loiro ri-se.

— Queres saber quais são as probabilidades de ires para casa com ela? Cem para um.

Olho novamente para a morena. Ela está a usar uns botins de camurça pretos com saltos grossos e tem uma perna cruzada sobre a outra enquanto dá um gole distraidamente na bebida. É podre de gira.

— Duzentos dólares em como consigo que ela enfie a língua pela minha goela em menos de cinco minutos — proponho, com um sorriso arrogante.

Os meus novos amigos desmancham-se a rir, incrédulos.

— Claro que sim, meu. — O Sr. Rolex ri-se. — Caso não tenhas reparado, as mulheres que estão neste bar são sofisticadas. Nenhuma delas aceitaria curtir contigo em público.

Já estou a pousar uma nota de duzentos dólares em cima do balcão.

— Com que então têm medo da minha potência sexual? — pergunto em tom jocoso.

— Está bem. Eu entro na aposta — responde o loiro e depois coloca duas notas em cima da minha. — Vai lá levar uma tampa, Pinga-Amor.

Pego no meu copo e bebo o resto da cerveja.

— Coragem líquida — digo ao trio, e o Sr. Rolex revira os olhos. — Agora vejam e aprendam.

Pisco-lhes o olho e afasto-me.

Ela fixa de imediato a atenção em mim. Um leve sorriso, se bem que tímido, prende-se à sua boca. Merda, tem uns lábios bonitos. Grossos, cor-de-rosa e brilhantes.

Quando os nossos olhares se cruzam, é como se toda a gente que estava no bar tivesse desaparecido. Os olhos castanhos são bonitos e expressivos e, neste momento, estão a expressar uma fome delicada que me acelera a pulsação. Estou preso na órbita dela e as minhas pernas aceleram por vontade própria.

Um segundo depois estou ao seu lado a cumprimentá-la com um desajeitado:

— Olá.

— Olá — responde-me.

Ela é obrigada a inclinar a cabeça para trás para olhar para mim, porque está sentada e eu estou de pé. Sempre fui um rapaz grande, mas fiquei ainda mais corpulento desde que comecei a jogar hóquei mais avançado. Jogar nos profissionais é fisicamente exigente.

— Posso pagar-te uma bebida? — ofereço.

Ela levanta o copo cheio.

— Não, obrigada. Já tenho uma.

— Então eu pago-te a próxima.

— Não vai haver uma próxima. Não confio em mim própria.

— Porquê?

— Sou um peso pluma. Fico tocada com uma bebida. — Os lábios dela curvam-se ligeiramente. — Com duas bebidas começo a fazer coisas más.

Raios me partam se o meu pénis não estremeceu com aquele comentário.

— Quão más? — pergunto.

Apesar de corar, ela não se esquiva à pergunta.

— *Muito* más.

Sorrio-lhe e faço sinal ao empregado de forma rápida e exagerada.

— Outra bebida para a menina — peço.

Ela ri-se e o som melódico provoca-me um formigueiro no corpo. Sinto-me loucamente atraído por ela.

Em vez de me sentar no banco vazio ao seu lado, fico de pé. Mas aproximo-me mais e o joelho dela toca ao de leve na minha anca. Juro que ouço a sua respiração a alterar-se com aquele breve contacto.

Constato que os meus novos amigos estão a observar-nos com interesse. O Sr. Rolex bate com o dedo no relógio de modo dramático, como se pretendesse lembrar-me de que o tempo está a contar.

— Escuta... — Aproximo os lábios do ouvido dela para que me consiga ouvir. Desta vez *vejo* mesmo a sua respiração ofegante. Os seios espevitados sobem quando ela respira fundo. — Os meus amigos deram-me vinte e cinco por cento de hipótese de conseguir o teu número.

Os olhos dela bailam com malícia.

— Uau. Não têm muita fé em ti, pois não? Lamento.

— Não lamentes. Já superei hipóteses maiores do que essa. Mas... deixa-me contar-te um segredo. — A minha boca roça no lóbulo dela enquanto sussurro. — Não quero o teu número.

Ela dá um saltinho, surpreendida, e o olhar dela incide no meu.

— Não queres?

— Não.

— Então o que queres? — Ela pega na bebida e bebe um gole apressado.

Fico a pensar na resposta por instantes.

— Quero beijar-te.

Ela solta uma gargalhada de surpresa.

— Pois sim. Só estás a dizer isso porque esperas que eu alinhe para poderes provar aos teus amigos que não és um falhado.

Olho novamente por cima do ombro. O Sr. Rolex tem um sorriso satisfeito estampado no rosto. Volta a bater com o dedo no relógio. O tempo está a contar.

Os meus cinco minutos estão quase a terminar. O meu relógio indica-me que só me restam dois minutos.

— Não — respondo-lhe. — Não é por isso que te quero beijar.

— Ah, sim?

— Sim. — Lambo o lábio inferior. — Quero beijar-te porque és a mulher mais atraente deste bar. — Encolho os ombros. — E, por outro lado, é óbvio que queres o mesmo.

— Quem disse isso? — desafia-me ela.

— Ninguém, mas não paras de olhar para a minha boca desde que meti conversa contigo.

Ela semicerra os olhos.

— É assim. — Passo ao de leve as pontas dos dedos pelo seu braço fino. Não estou a tocar na pele dela, no entanto, ela estremece visivelmente. — Os meus amigos apelidaram-te de Menina Inocente. Eles avisaram-me de que ficarias intimidada com alguém como eu. Alguém grosso e direto. Mas sabes o que acho?

— O quê? — A respiração dela é entrecortada.

— Acho que gostas de homens grossos e diretos. — Aproximo-me mais. Ela está a usar um brinco em forma de diamante e eu não consigo deixar de encostar a ponta da língua àquele brinco pequeno.

Ela solta outra respiração irregular e eu sinto uma pontada de satisfação.

— Acho que não és nem um pouco inocente — prossigo. — Acho que não és uma boa menina. Acho que a única coisa que queres neste momento é enfiar a língua pela minha goela e arrastar as unhas pelas minhas costas enquanto eu te como aqui à frente de todos.

Ela geme audivelmente.

Um sorriso presunçoso espalha-se pelo meu rosto quando ela agarra na minha nuca e me puxa para um beijo apaixonado.

— Tens razão — murmura ela junto dos meus lábios. — Não sou uma boa menina de todo.

Sinto o pénis duro antes de a língua dela entrar na minha boca. E quando desliza pelos meus lábios entreabertos, é a minha vez de gemer. Ela sabe a *gin* e a sexo e eu retribuo o beijo com avidez, consciente das sonoras reclamações dos que nos rodeiam. Tenho a certeza de que alguns dos gritos provêm dos meus amigos corretores, mas estou ocupado demais para desfrutar da estupefação deles.

Quando a minha língua desliza sobre a dela, eu coloco delicadamente uma perna entre as suas coxas suaves para ela sentir como estou duro.

— Oh, meu Deus — murmura ela. Interrompe o beijo com os olhos a brilhar de puro desejo. — Vamos sair daqui e terminar isto num sítio privado?

— Não, eu quero-te agora. — A minha voz parece gravilha.

Ela pestaneja.

— Agora?

— Hum-hum. — Pouso uma mão na sua cintura estreita e movo a palma da mão numa carícia provocadora. — Ouvi dizer que a casa de banho das senhoras tem divisórias grandes e privadas...

Ela encosta a palma da mão ao centro do meu peito. Mas não para me afastar. Ela também me provoca enquanto o seu olhar ardente percorre todo o meu corpo. Depois inclina a cabeça e pergunta:

— O que diria a tua namorada sobre isso?

Lanço-lhe um sorriso obsceno.

— Ela diria: «Despacha-te, John, preciso de me vir.» — A Grace geme novamente. — Foi o que pensei — gracejo, mas a minha namorada não parece afetada.

Às vezes custa-me acreditar que ela já foi a caloira nervosa e tagarela em cuja residência eu acabei por ir parar por acidente. Que a afável Grace Ivers por quem me apaixonei é esta mulher destemida

que está à minha frente, a bomba sexy que está prestes a deixar-me comê-la na casa de banho.

É claro que a Grace escolheu este bar e pesquisou previamente se as casas de banho eram asseadas antes de concordar em fazer este exercício de *role-play*. Por isso, sim, ela continua a ser a rapariga estranha que conheci há anos. Mas também é a minha namorada sensual e desesperada por sexo.

Pego na mão dela e puxo-a do banco. Continuo duro como aço e preciso de me aliviar. A julgar pela respiração entrecortada dela, ela está tão excitada quanto eu.

— Que dizes? — pergunto enquanto esfrego a parte interior da palma da mão dela com o polegar.

A Grace põe-se em bicos de pés com os botins de salto alto e pressiona os lábios contra o meu ouvido.

— Despacha-te, John, preciso de me vir.

Reprimo uma gargalhada de desespero enquanto a sigo para o corredor traseiro. Antes de passarmos pela porta, olho pela última vez por cima do ombro. Os corretores estão embasbacados a olhar para mim como se eu fosse um extraterrestre. Aponto para o dinheiro que está em cima do balcão e ofereço um aceno generoso como se pretendesse dizer «fiquem com tudo».

Não preciso de vencer uma aposta sem sentido. Já sou o homem mais sortudo do bar.

2

Logan

— Não precisavas mesmo de fazer isto — insiste o pai da Grace quando baixo o capô do SUV dele. — Não é que eu não agradeça, mas sinto-me um verdadeiro maçarico por te estar a obrigar a trabalhar na véspera de Natal.

Passo um pano limpo pelo queixo para limpar uma nódoa de óleo de motor e faço um esforço para não me rir. Gosto muito do Tim Ivers, mas há algo de desconcertante num homem que usa palavras como «maçarico».

Namoro com a filha dele há quatro anos, e consigo contar o número de vezes que ouvi este homem praguejar, um contraste drástico com a forma como fui criado. Cresci com um pai alcoólico que só dizia palavrões. A coitada da minha mãe foi chamada a uma reunião com a minha professora do jardim de infância porque eu chamei a outro miúdo «cara de merda». Oh, que belos tempos... Dias muito maus e infelizes.

Felizmente tudo mudou desde aí. O meu pai está sóbrio há quase quatro anos e, apesar de não termos feito completamente as pazes, pelo menos já não o odeio.

Para ser sincero, o pai da Grace é como se fosse um pai para mim. É um tipo às direitas, se ignorarmos o facto de preferir futebol a hóquei. Mas ninguém é perfeito.

— Tim, meu. Não vou deixar que o meu pai emprestado pague para trocar o óleo quando posso fazê-lo de borla — informo-o.

— Cresci a trabalhar na nossa garagem. Consigo trocar o óleo com uma perna às costas.

— Tens a certeza? — insiste ele, reajustando os óculos de armações finas por cima da cana do nariz. — Sabes que nunca me aproveitaria disso, filho.

Filho. Caramba, fico sempre comovido. Não há motivo algum para o Tim me tratar assim. Eu e a Grace não estamos propriamente casados nem nada do género. Quando começámos a namorar, eu assumi que ele fosse o tipo de homem que chamasse filho a todos os jovens. Mas não. Só a mim. E não posso negar que adoro ouvi-lo.

— Eu sei que não o faria, por isso é que me ofereci — asseguro-lhe. — E como disse antes, não se atreva a ir novamente à oficina de reparações que só sabe sugar dinheiro. O meu irmão trata-lhe do carro. Sem cobrar nada.

— Como anda o teu irmão? — O pai da Grace tranca o carro antes de se encaminhar para a porta da garagem.

Sigo-o até à entrada da casa, onde a brisa fresca arrefece de imediato o meu rosto. Ainda não nevou em Hastings neste inverno, mas a Grace disse que as previsões indicam que vai haver um grande nevão amanhã de manhã. Perfeito. Adoro um Natal com neve.

— O Jeff está bem — respondo. — E pediu-me para lhe desejar um feliz Natal. Eles têm pena de não poderem comparecer ao jantar desta noite.

Este ano, o meu irmão e a mulher, a Kylie, vão passar as férias no México com a família dela. Os pais dela fazem quarenta anos de casados, por isso decidiram celebrar em grande num destino turístico com sol. Mas a minha mãe e o meu padrasto, o David, vão jantar connosco esta noite, por isso vai ser divertido. Eu e a Grace divertimo-nos sempre a observar as conversas do pai dela, que é professor de Biologia Molecular e muito certinho, com o meu padrasto, que é contabilista e é um chato de primeira. No ano passado, apostámos quantos assuntos entediantes conseguiam discutir numa noite. A Grace venceu com um total de doze. O meu palpite tinham sido de dez, mas subestimei o novo fascínio do Tim por

garrafas de leite antigas e a nova coleção de elefantes de cerâmica do David.

— A Josie também tem pena de não poder vir — diz o Tim, referindo-se à mãe da Grace, que vive em Paris. Apesar de estarem divorciados há anos, o Tim e a Josie continuam muito próximos.

Ao contrário dos meus pais, que não conseguem estar no mesmo espaço juntos, mesmo estando o meu pai sóbrio. Eu e a Grace tivemos várias conversas sobre o que acontecerá quando formos casados — *quando*, e não se, porque é óbvio que fomos feitos um para o outro e ambos sabemos disso. Mas preocupamo-nos com a organização do envio dos convites de casamento. Acabámos por decidir fazer o casamento em segredo para evitarmos o drama todo, porque é certo que a minha mãe se recusará a estar presente se o meu pai também for.

Não culpo propriamente a minha mãe. O meu pai fez-lhe a vida num inferno durante o casamento deles. Foi ela que teve de lidar com os anos de bebedeiras, de apagões, de tentativas de reabilitação enquanto tentava criar dois filhos sozinha. Acho que ela nunca vai mudar de ideias. É um milagre eu e o Jeff termos conseguido perdoá-lo de alguma forma.

— Já sabes se consegues arranjar tempo para ir a Paris com a Grace este verão? — pergunta ele enquanto contornamos a parte lateral da casa em direção ao alpendre.

— Depende. Se a equipa chegar aos *play-offs*, não posso. Quer dizer, por um lado, a ideia de passar dois meses em Paris parece-me incrível. Mas para isso não poderíamos jogar nos *play-offs*, o que seria uma porcaria.

O Tim ri-se.

— Estás a ver? Se jogasses futebol, a temporada terminaria em fevereiro e poderias fazer a viagem...

— Um dia destes vou atá-lo a uma cadeira e obrigá-lo a assistir a jogos de hóquei uns atrás dos outros até não ter outra hipótese a não ser ficar fã.

— Mesmo assim, não resultaria — diz ele, a rir-se.

Sorrio.

— Tem de ter mais fé nas minhas capacidades de tortura.

Quando chegamos às escadas do alpendre, uma carrinha grande e castanha estaciona na curva em frente à casa. Por segundos, fico confuso, achando que é a minha mãe com o David, mas depois vejo o logótipo da UPS.

— Ainda andam a fazer entregas? — pergunta o Tim, admirado. — Às seis da tarde na véspera de Natal? Coitado.

Mesmo, coitado. O estafeta parece cansado quando percorre o caminho na nossa direção. Traz uma caixa de cartão numa mão e um telemóvel grosso na outra.

— Olá — diz ele quando se aproxima. — Feliz Natal e peço desculpa pelo incómodo, são a última entrega do dia. É para a Grace Ivers.

— Feliz Natal — responde o Tim. — É a minha filha. Está lá dentro, mas posso ir chamá-la se precisar que assine.

— Não é preciso. Qualquer um pode assinar. — Ele entrega-lhe o telemóvel e uma caneta de plástico. Depois de o pai da Grace escrevinhar a assinatura, o estafeta cumprimenta-nos e regressa apressadamente à carrinha, certamente ansioso por chegar a casa e ver a família.

— De quem é? — pergunto.

O Tim lê a etiqueta de devolução.

— Não tem nome. Só um endereço postal de Boston.

O pacote é quadrado, com vinte e quatro centímetros de comprimento e, quando o Tim mo passa para a mão, reparo que não é muito pesado. Semicerro os olhos.

— E se for uma bomba?

— Então vai explodir e vamos morrer e os átomos que nos compõem vão encontrar novas utilizações no universo.

— E um feliz Natal para todos! — digo numa alegria natalícia exagerada, antes de revirar os olhos na direção dele. — É um verdadeiro desmancha-prazeres, sabia disso?

— O que é isso? — pergunta a Grace quando entramos na sala de estar da grande casa vitoriana.

— Não sei. Foi entregue agora mesmo. — Levanto a caixa. — É para ti.

A Grace faz aquele gesto amoroso de trincar o lábio que costuma fazer quando está a pensar. O olhar dela incide na bela árvore decorada e nas pilhas de presentes embrulhados que estão debaixo dela.

— Acho que não podemos colocá-la ali — decide ela, por fim. — O meu transtorno obsessivo-compulsivo nunca permitiria aguentar a manhã de amanhã sabendo que há uma caixa estúpida que destoa das outras.

Solto uma gargalhada.

— Posso embrulhá-la, se quiseres.

— Não há papel de embrulho.

— Eu uso jornal. Ou papel-manteiga.

A minha namorada põe-se a olhar para mim.

— Vou fingir que não disseste isso.

O pai dela ri-se, porque é um traidor.

— Então abre-a agora — digo-lhe. — Nem sabemos de quem é, por isso, tecnicamente, pode não ser um presente oficial de Natal. Cinquenta por cento de mim julga que é uma bomba, mas não te preocupes, linda, que o teu pai assegurou-me que os nossos átomos vão ser utilizados para outras finalidades depois de explodirmos.

— Às vezes, não vos entendo. — Com um suspiro, dirige-se à cozinha para procurar uma tesoura.

Ponho-me a admirar-lhe o rabo, que fica magnífico naquelas leggings vermelhas. Ela conjugou as leggings com uma camisola às riscas vermelhas e brancas. O pai está a usar uma camisola parecida, mas a dele é verde e vermelha e tem um padrão de rena, que foi tricotado às três pancadas, e que a princípio eu confundi com um gato quando ele apareceu com ela de manhã. Ao que parece, a mãe da Grace tricotou-lhe aquela camisola pavorosa quando a Grace era pequena. Uma vez que não passei muitos períodos agradáveis em família, tenho de admitir que adoro as tradições estranhas dos Ivers.

— Muito bem, vamos ver o que temos aqui. — A Grace parece entusiasmada quando arranca a fita-cola que cobre a caixa.

Já eu decido levantar a guarda, porque ainda não excluí completamente a ideia de isto poder ser uma tentativa de assassinato.

Ela abre a caixa de papel e retira um cartão pequeno. Arqueia uma sobrancelha.

— O que diz? — pergunto.

— Diz «Senti a tua falta».

A minha guarda ergue-se ainda mais. Mas que raio? Quem anda a enviar presentes à minha namorada com cartões que dizem que sentem a falta dela?

— Talvez seja da tua mãe? — sugere o Tim, com um ar igualmente perplexo.

A Grace enfia o braço dentro da caixa e remexe o papel de embrulho. Arqueia ainda mais a sobrancelha quando os seus dedos tocam no que quer que seja que está no interior. Um segundo depois, a mão dela reaparece com o prémio. Tudo o que vejo é branco, azul e preto e depois a Grace solta um guincho e deixa cair o objeto como se este lhe tivesse queimado a mão.

— Não! — geme ela. — Não. Não. Não. Não, não, *não*. — Ela vira o olhar irritado na minha direção. Com um dedo em riste, ordena: — Livra-te dele, John.

Oh, céus. Apercebo-me do que se trata quando me aproximo da caixa. Tenho a sensação de que sei o que contém e... sim.

É o *Alexander*.

O pai da Grace franze a testa quando eu pego no boneco de porcelana que está dentro da caixa.

— O que é isso? — pergunta ele.

— Não. — É só o que a Grace consegue dizer enquanto aponta para mim. — Quero que ele desapareça. Agora.

— O que queres que eu faça ao certo? — pergunto. — Que o atire para o lixo?

Ela empalidece ao ouvir a minha sugestão.

— Não podes fazer isso. E se isso o deixar irritado?

— Claro que isso o vai deixar irritado. Olha para ele. Ele está sempre irritado.

Enquanto reprimo uma gargalhada, obrigo-me a olhar para o rosto do *Alexander*. Não acredito que passaram quase sete abençoados meses desde que o vi pela última vez. De entre todos os bonecos perturbadores, este é o pior de todos. Com um rosto de porcelana tão branco que parece pouco natural, tem grandes olhos azuis sem vida, sobrancelhas pretas estranhamente grossas, uma boca vermelha mínima e uma linha capilar no cabelo preto, em forma de V. Está a usar uma túnica azul, um lenço branco, casaco preto, calções e uns sapatos vermelhos brilhantes.

É a criatura mais sinistra que alguma vez vi.

— Já chega — diz a Grace. — Não podes continuar a ser amigo do Garrett. Estou a falar a sério.

— Em defesa dele, foi o Dean que começou — comento.

— Não podes ser amigo de nenhum dos dois. Podes ser amigo do Tucker, porque sei que ele odeia isto tanto quanto eu.

— E achas que *eu* gosto? — Olho embasbacado para ela. — Olha para esta coisa! — Abano o *Alexander* diante da Grace, que se baixa e se esquiva dele para evitar os braços que se agitam no ar.

— Não percebo — intervém o Tim, enquanto se aproxima do boneco. — Isto é fenomenal! Olha para esta peça de artesanato. — Dedica-se a apreciar o boneco enquanto eu e a filha dele o fitamos, horrorizados.

— Caramba, pai — suspira a Grace. — Agora ele conhece o teu toque.

— Isto foi fabricado na Alemanha? — Ele continua a examinar o *Alexander*. — Parece alemão. Do século XIX?

— Estou bastante perturbado com o seu conhecimento sobre bonecos antigos — digo com franqueza. — E não estamos a brincar, Sr. Iver. Pouse-o antes que ele se afeiçoe a si. É demasiado tarde para nós... ele já nos conhece. Mas ainda tem tempo de se salvar.

— Do quê?

— Ele está assombrado — responde a Grace, sombriamente.

Aceno com a cabeça.

— Às vezes, pisca o olho.

O Tim passa os dedos sobre as pálpebras móveis.

— Este mecanismo tem centenas de anos. Se os olhos abrem e fecham sozinhos, é provavelmente devido ao desgaste.

— Para de lhe tocar — pede a Grace.

A sério. Ele quer morrer ou algo que o valha? Quer dizer, eu sei que o *Garrett* não teme a morte, porque nitidamente ele quer que eu o mate da próxima vez que o vir. Adoro o Garrett Graham como se fosse meu irmão. Ele é incrível. Mas fazer-nos uma coisa destas no *Natal*?

Eu sei que abusei do meu privilégio de ter uma chave extra para entrar à socapa e colocar o *Alexander* na casa do Garrett e da namorada durante o dia de aniversário da Hannah. Mas mesmo assim...

— Importas-te que tire umas fotografias para tentar perceber o valor do boneco? — pergunta o Tim, quando o académico *nerd* que há dentro dele vem ao de cima.

— Não se dê a esse trabalho. Isso custou quatro mil dólares — respondo.

Ele arqueia as sobrancelhas.

— Quatro *mil* dólares?

A Grace confirma com a cabeça.

— Esse é outro dos motivos pelos quais não podemos deitá-lo fora. Sentimo-nos mal em deitar fora tanto dinheiro.

— O Dean comprou-o há uns anos num leilão de antiguidades — explico. — O vendedor disse que estava assombrado, por isso o Dean achou que seria divertido oferecer o boneco à filha do Tuck, que, na altura, era uma bebé. A Sabrina passou-se, por isso esperou que o Dean e a Allie estivessem na cidade uns meses depois e pagou a um empregado do hotel para deixar o boneco em cima da almofada do Dean.

A Grace ri-se.

— A Allie disse que ele gritou como uma menina quando acendeu as luzes e descobriu o *Alexander*.

— E agora tornou-se uma brincadeira — termino com um meio sorriso, meio suspiro. — Enviamos o *Alexander* uns aos outros quando a pessoa menos espera.

— O que é que disse o vendedor sobre o boneco? — pergunta o Tim, curioso. — Tem alguma história?

A Grace abana a cabeça.

— Pai. Para de tratá-lo por boneco. Ele consegue ouvir-te.

— Ele entregou uma espécie de cartão descritivo — respondo, encolhendo os ombros. — Já não me lembro quem o tem. Mas, basicamente, o nome dele é *Alexander*. Pertencia a um menino chamado Willie que morreu no Trilho da Califórnia na época da Corrida ao Ouro. Ao que parece, toda a família dele morreu à fome, com a exceção do Willie. O coitado do miúdo vagueou vários dias à procura de ajuda e acabou por cair por uma ravina, partiu a perna e ficou lá deitado até morrer de exposição aos elementos.

A Grace estremece.

— Encontraram-no com o *Alexander* encostado ao peito. O vendedor do boneco psicótico disse que o espírito do Willie passou para o *Alexander* mesmo antes de morrer.

O Tim arregala os olhos.

— Credo. Porra, isso é horripilante.

Fico de queixo caído.

— Acabou de dizer uma asneira?

— Como posso não dizer? — Ele volta a colocar o *Alexander* na caixa e fecha as abas. — Porque não o pomos no sótão? A Jean e o David estão quase a chegar. Não queremos expô-los ao boneco. — O Tim Ivers acena de forma determinada e sai com a caixa na mão. Para ser sincero, não sei se ele está a falar a sério ou a brincar connosco.

Os meus lábios estremecem com a vontade de rir quando me viro para a Grace.

— Pronto. O *Alexander* foi banido para o sótão. Sentes-te melhor?

— Continua dentro de casa?

— Bem, sim...

— Então, não. Não me sinto melhor.

Sorrio e agarro-a pela cintura, puxando-a para mim. Depois baixo a cabeça e roço os lábios nos dela.

— E agora? — murmuro.

— Um pouco melhor — corrige.

Quando a beijo novamente, ela derrete-se contra o meu corpo e passa os braços em volta do meu pescoço. Merda. Sinto tanta falta destes momentos quando estou em viagem. Eu sabia que a vida de jogador de hóquei profissional seria difícil, mas não tinha imaginado que sentiria tanta falta da Grace sempre que tivesse de sair da cidade.

— Detesto que tenhas de ir embora outra vez — diz ela junto aos meus lábios. É óbvio que ela está a pensar o mesmo que eu.

— Só daqui a uns dias — relembro-lhe.

Ela morde os lábios e encosta a face ao meu peitoral esquerdo.

— Mesmo assim, não é tempo suficiente — diz ela, tão baixinho que mal a consigo ouvir.

Inalo o cheiro suave do cabelo dela e mantenho-a junto a mim. Ela tem razão. Não é tempo suficiente.

3

Grace

Uns dias a seguir ao Natal, o Logan parte para uma viagem de cinco dias na Costa Oeste para participar nos jogos. Como seria de esperar, porque agendas opostas são quase um modo de vida para nós agora.

A faculdade terminou e eu estou em casa? O Logan tem de partir.

O Logan tem umas noites sem jogos e está em casa? Eu fico retida no *campus* da Universidade Briar, em Hastings, que fica a quarenta e cinco minutos de nossa casa.

Escolhemos a nossa casa acolhedora porque fica precisamente a meio caminho entre Hastings e Boston, onde a equipa do Logan joga. Mas os invernos em Nova Inglaterra conseguem ser imprevisíveis, por isso, se o tempo estiver uma porcaria, as nossas viagens demoram o dobro, o que reduz o tempo precioso que passamos juntos. Mas até concluir a faculdade, este foi o compromisso que fizemos.

Felizmente termino oficialmente a faculdade em maio e estamos entusiasmados com a perspetiva de encontrar uma casa nova em Boston. Se bem que... não sei o que vamos fazer se eu for trabalhar *fora* de Boston. Ainda não debatemos essa possibilidade. Rezo para que não tenhamos de o fazer.

Apesar de estarmos nas férias de inverno, a rádio do *campus* e a estação televisiva continuam a funcionar normalmente, por isso tenho de ir trabalhar no dia seguinte à partida do Logan. Este ano ocupo o cargo de gerente da estação, o que acarreta muito mais

responsabilidade e uma série de relações interpessoais. Estou sempre a lidar com uma carrada de egos e com as personalidades difíceis do «talento», e o dia de hoje não é diferente. Fui obrigada a apagar vários fogos, incluindo mediar uma discussão sobre higiene pessoal entre o Pace e a Evelyn, os locutores do programa de rádio mais popular da Briar.

O único ponto positivo da minha manhã agitada é o almoço com a minha antiga colega de quarto, a Daisy. Quando chega finalmente a altura de me encontrar com ela, dou por mim praticamente a correr para o Coffee Hut.

Por milagre, ela conseguiu uma mesa pequena para nós na zona mais recuada. Um grande feito, tendo em conta que o café está sempre cheio seja qual for a hora do dia.

— Olá! — digo, animadamente, enquanto dispo o casaco.

A Daisy levanta-se para me abraçar. Ela está quente por estar dentro do café e eu pareço uma estátua de gelo porque atravessei o *campus* a pé, ao frio.

— Fogo! Estás gelada! Senta-te. Pedi-te um *latte*.

— Obrigada — respondo, agradecida. — Só tenho uma hora, por isso vamos comer já.

— Sim, senhora.

Minutos depois estamos sentadas a estudar a ementa, que não é muito cara porque o café só serve sanduíches e *snacks*. Depois de a Daisy ir ao balcão fazer o nosso pedido, bebericamos as respetivas bebidas enquanto esperamos.

— Pareces tensa — diz ela, com franqueza.

— E estou tensa. Passei a última hora a explicar ao Pace Dawson que precisa de retomar o uso de desodorizante.

A Daisy fica pálida.

— Porque é que ele parou?

Esfrego as têmporas, que estão a latejar à conta dos disparates com que tive de lidar.

— Para protestar contra a poluição do plástico nos oceanos.

Ela ri-se.

— Não percebo.

— O que é que não percebes? — pergunto, sarcasticamente. — O desodorizante que ele usa é vendido numa embalagem de plástico. O oceano está cheio de plástico. Por isso, para protestar contra isso, ele precisa de empestar o estúdio.

A Daisy quase cospe o café.

— Está bem. Eu sei que ele é um colega de trabalho chato, mas tens de admitir que tudo o que sai da boca daquele homem é puro ouro.

— A Evelyn finalmente fincou o pé e ameaçou despedir-se se ele não começasse a usar novamente desodorizante. Por isso tive de ficar lá a mediar até o Pace finalmente aceitar a exigência da Evelyn, com a condição de ela doar duzentos dólares para uma instituição de conservação dos oceanos.

— Não sabia que ele se preocupava tanto com o ambiente.

— E não se preocupa. A nova namorada viu um documentário qualquer sobre baleias na semana passada e parece que lhe mudou a vida.

Continuamos a conversa enquanto comemos as sanduíches. Falamos sobre as aulas, sobre o novo namorado dela e sobre o meu novo cargo na estação. O assunto do meu namoro acaba por vir à baila, mas quando eu digo que está tudo bem, a Daisy consegue perceber pela minha expressão impassível que não é verdade.

— O que se passa? — pergunta ela, de imediato. — Tu e o Logan andam a discutir?

— Não — asseguro-lhe. — De todo.

— Então o que se passa? Porque parecias tão... *inexpressiva* quando perguntei sobre vocês?

— Porque as coisas andam um pouco monótonas — confesso.

— Monótonas como?

— Andamos os dois muito ocupados. E ele anda sempre a viajar. Este mês esteve mais dias fora do que em casa. O Natal foi maravilhoso, mas demasiado curto. Ele partiu para os jogos logo a seguir ao Natal.

A Daisy fita-me com compaixão enquanto trinca a sanduíche de atum, mastigando devagar, engolindo, para depois perguntar:

— Como está a parte sexual?

— Por acaso, nesse campo estamos bem. — Muito bem, na verdade. A noite em que fingimos que éramos estranhos no bar vem-me à mente e a memória obscena provoca-me um arrepio quente.

Tivemos um sexo incrível. Não temos por hábito fazer sexo em público, mas quando fazemos... cum caraças, é extremamente sensual. A nossa vida sexual sempre foi maravilhosa. Diria que é isso que torna a distância entre nós tão difícil. Quando estamos juntos, é tudo tão arrebatador e perfeito como era no princípio. O nosso problema é tentarmos encontrar tempo para *estarmos* juntos. O tempo é escasso no nosso mundo.

Não estou infeliz com o Logan. Quando muito, quero estar mais com ele. Sinto falta do meu namorado.

— O tempo afastados é complicado — digo à Daisy.

— Imagino. Mas qual é a tua solução? Ele não pode desistir do hóquei. E tu não vais desistir da faculdade quando só te faltam cinco meses para concluíres o último ano.

— Não — concordo.

— E não queres terminar.

Fico horrorizada.

— Claro que não.

— Talvez se devessem casar.

Esse comentário arranca-me um sorriso.

— É essa a tua solução? Casar?

— Ambas sabemos que, mais tarde ou mais cedo, isso vai acontecer. — Ela encolhe os ombros. — Talvez se tivessem um compromisso mais permanente, isso aliviasse esse período transitório de stress. Sempre que sentisses que estão distantes, não terias de ficar tensa por estarem demasiado afastados, porque existiria esse alicerce sólido para te manter estável.

— Não é má ideia — admito. — E eu quero casar com o Logan, claro. O nosso problema é o tempo. Mesmo que quiséssemos casar

em segredo, quando teríamos tempo de o fazer? — Suspiro, tristonha. — Estamos sempre ocupados ou em sítios diferentes.

— Então não te resta outra alternativa a não ser aguentar — sentencia a Daisy.

Ela tem razão.

Mas é difícil. Eu sinto a falta dele. Não gosto de chegar a casa e ter à minha espera um apartamento vazio. Não gosto de ter de ligar a televisão para conseguir ver o meu namorado. Não gosto de ficar horas a estudar para os exames e estar demasiado cansada para sair ou para ir ver um filme ou jantar com ele. Não gosto que o Logan chegue a casa depois de um jogo particularmente difícil e se deite na nossa cama cheio de nódoas negras, dorido e demasiado exausto para querer sequer aninhar-se comigo.

Simplesmente os dias não têm horas suficientes e agora que sou responsável pela gestão da estação é ainda pior. Quando comecei a faculdade, não sabia qual o trabalho que queria ter depois de concluir o curso. Inicialmente pensei em ser psicóloga. Mas depois consegui um trabalho no segundo ano como produtora de um programa de rádio do *campus* e percebi que gostava de ser produtora de televisão. Para ser mais precisa, quero produzir um telejornal. Agora que escolhi a minha carreira, é mais complicado faltar às aulas ou ao trabalho se, de um momento para o outro, o Logan fica com uma ou duas horas livres. Temos outros compromissos que são importantes para nós. Por isso, como disse a Daisy, vamos ter de aguentar.

— Desculpa — digo. — Não quero ser uma desmancha-prazeres. Eu e o Logan estamos bem. Só que, às vezes, é complicado...

O meu telemóvel sinaliza a chegada de uma nova mensagem. Olho para o ecrã e sorrio ao ver a mensagem do Logan. É ele a avisar-me de que a equipa chegou bem à Califórnia. Ele fez a mesma coisa ontem quando chegaram ao Nevada. Eu gosto que ele me avise sempre destas coisas.

— Um segundo — digo à minha amiga enquanto escrevo uma resposta. — Vou enviar uma mensagem rápida para desejar boa sorte ao Logan para o jogo desta noite.

Ele responde de imediato.

Logan: Obrigado, amor. Gostava mesmo que estivesses aqui.
Eu: Eu também.
Ele: Ligo-te depois do jogo?
Eu: Depende da hora que for aqui quando quiseres ligar.
Ele: Podes tentar deitar-te mais tarde? Ontem à noite só falámos por dois minutos :(
Eu: Eu sei. Desculpa. Vou beber um litro de café hoje para estar mais desperta!

Mas apesar de manter a primeira parte dessa promessa — beber café como se não houvesse amanhã —, a cafeína só me provoca mais sono quando chego a casa nessa noite. Mal me aguento em pé. Mal tenho energia para jantar e para tomar um duche.

Quando o Logan me envia uma mensagem à meia-noite para conversarmos, já estava a dormir.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
topseller_editora
topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-690-5
9 789895 896905